

Ministério vai priorizar segundo grau em 1999

Idéia é expandir a rede e pôr em prática uma ampla reforma curricular

DEMÉTRIO WEBER

BRASÍLIA – Depois de eleger o ensino fundamental (antigo 1.º grau) como prioridade nos últimos quatro anos, o Ministério da Educação (MEC) vai concentrar esforços no ensino médio (antigo 2.º grau) a partir de 99. A idéia é expandir a rede e pôr em prática uma ampla reforma curricular, que dê nova identidade a esse nível de ensino.

Em 98, o MEC deu dois passos significativos, mesmo que no papel, em direção a esses objetivos: a aprovação das Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, em junho, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), e o início da negociação de um empréstimo de US\$ 500 milhões com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para um programa de melhoria e expansão orçado em US\$ 1 bilhão.

“Do ponto de vista curricular, o atual ensino médio é enciclopédico: reúne um monte de informação compartimentada, sem sentido, sem vínculo com a vida do estudante”, critica o secretário de Educação Média e Tecnológica do MEC, Ruy Berger.

É o que indica o mau desempenho dos 115,5 mil concluintes do 2.º grau avaliados este ano na primeira edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): na prova de conhecimentos gerais, a nota média foi 4. “Os resultados foram melhores do que o esperado, mas deixam claro que os currículos estão defasados”, conclui o ministro Paulo Renato.

Concebido nas últimas décadas como mero intervalo entre os bancos escolares e a universidade ou como período de formação técnica

e profissional, o ensino médio foi incluído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) na chamada educação básica, ou seja, aquilo que se deseja garantir para toda a população. Em 95, havia 5,3 milhões estudantes matriculados, número que saltou para 6,9 milhões em 98. A meta do Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio (Promed) é atingir 10,5 milhões em 2002, segundo Berger.

Diversidade – Há duas palavras-chave na construção do novo ensino médio brasileiro: diversidade e contextualização. A primeira delas diz respeito à necessidade de atender, de um modo geral, três grupos distintos: o de quem volta à escola em busca de qualificação para o mercado de trabalho; o de quem chega ao ensino médio com idade acima da

média, por causa da repetência; e o dos alunos na faixa etária adequada, dos 14 aos 17 anos.

Mas a atividade em sala de aula deve dar aos estudantes habilidades para buscar informações e resolver problemas do dia-a-

dia, o que significa contextualizar os conteúdos. “A escola deve preparar o aluno para continuar aprendendo”, explica Berger.

As diretrizes curriculares fixam três áreas de aprendizagem: linguagens e códigos e suas tecnologias; ciências da natureza, matemática e suas tecnologias; e ciências humanas e suas tecnologias. “Podemos falar de cidadania plena sem o domínio dessas linguagens?”, pergunta o secretário, destacando que a alfabetização na sociedade moderna já ultrapassa o âmbito das letras. “É o que ocorre quando chego com um cartão magnético a um caixa eletrônico e preciso decodificar ícones para sacar o meu dinheiro.”

As disciplinas ligadas a essas três áreas do conhecimento passarão a constituir 75% dos currículos. Isso porque as escolas ganharam a liberdade de criar disciplinas para ocupar os 25% restantes.

ESCOLA DEVE
PREPARAR ALUNO
PARA CONTINUAR
APRENDENDO

Ministério vai priorizar segundo grau em 1999

Idéia é expandir a rede e pôr em prática uma ampla reforma curricular

DEMÉTRIO WEBER

BRASÍLIA – Depois de eleger o ensino fundamental (antigo 1.º grau) como prioridade nos últimos quatro anos, o Ministério da Educação (MEC) vai concentrar esforços no ensino médio (antigo 2.º grau) a partir de 99. A idéia é expandir a rede e pôr em prática uma ampla reforma curricular, que dê nova identidade a esse nível de ensino.

Em 98, o MEC deu dois passos significativos, mesmo que no papel, em direção a esses objetivos: a aprovação das Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, em junho, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), e o início da negociação de um empréstimo de US\$ 500 milhões com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para um programa de melhoria e expansão orçado em US\$ 1 bilhão.

“Do ponto de vista curricular, o atual ensino médio é enciclopédico: reúne um monte de informação compartimentada, sem sentido, sem vínculo com a vida do estudante”, critica o secretário de Educação Média e Tecnológica do MEC, Ruy Berger.

É o que indica o mau desempenho dos 115,5 mil concluintes do 2.º grau avaliados este ano na primeira edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): na prova de conhecimentos gerais, a nota média foi 4. “Os resultados foram melhores do que o esperado, mas deixam claro que os currículos estão defasados”, conclui o ministro Paulo Renato.

Concebido nas últimas décadas como mero intervalo entre os bancos escolares e a universidade ou como período de formação técnica

e profissional, o ensino médio foi incluído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) na chamada educação básica, ou seja, aquilo que se deseja garantir para toda a população. Em 95, havia 5,3 milhões estudantes matriculados, número que saltou para 6,9 milhões em 98. A meta do Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio (Promed) é atingir 10,5 milhões em 2002, segundo Berger.

Diversidade – Há duas palavras-chave na construção do novo ensino médio brasileiro: diversidade e contextualização. A primeira delas diz respeito à necessidade de atender, de um modo geral, três grupos distintos: o de quem volta à escola em busca de qualificação para o mercado de trabalho; o de quem chega ao ensino médio com idade acima da

média, por causa da repetência; e o dos alunos na faixa etária adequada, dos 14 aos 17 anos.

Mas a atividade em sala de aula deve dar aos estudantes habilidades para buscar informações e resolver problemas do dia-a-

dia, o que significa contextualizar os conteúdos. “A escola deve preparar o aluno para continuar aprendendo”, explica Berger.

As diretrizes curriculares fixam três áreas de aprendizagem: linguagens e códigos e suas tecnologias; ciências da natureza, matemática e suas tecnologias; e ciências humanas e suas tecnologias. “Podemos falar de cidadania plena sem o domínio dessas linguagens?”, pergunta o secretário, destacando que a alfabetização na sociedade moderna já ultrapassa o âmbito das letras. “É o que ocorre quando chego com um cartão magnético a um caixa eletrônico e preciso decodificar ícones para sacar o meu dinheiro.”

As disciplinas ligadas a essas três áreas do conhecimento passarão a constituir 75% dos currículos. Isso porque as escolas ganharam a liberdade de criar disciplinas para ocupar os 25% restantes.

ESCOLA DEVE
PREPARAR ALUNO
PARA CONTINUAR
APRENDENDO